

6. Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____. *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 34, 2006

_____. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
Tradução Maria Helena da Rocha Pereira.

ARTAUD, Antonin. *Oeuvres*. Paris: Gallimard, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1990.

BISHOP, Claire. *Artificial Hells: participatory art and the politics of spectatorship*. London: Verso, 2012.

BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BANES, Sally. *Democracy's body: Judson dance theater, 1962-1964*. Durham: Duke University, 1993.

_____. *Greenwich village 1963: avant-garde, performance e o corpo efervescente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Terpsichore in sneakers*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1987.

BARTHES, Roland. *Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- BLACHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- _____. *La Communauté inavouable*. Paris: Éditions de Minuit, 1983.
- BURT, Ramsay. *Genealogy and dance history: Foucault, Rainer, Bausch and de Keersmaeker*. In LEPECKI, André (Org). *Of the presence of the body: essays on dance and performance theory*. Middletown: Wesleyan University Press, 2004.
- _____. *Judson dance theatre: performative traces*. Nova Iorque: Routledge, 2002.
- _____. *Empathy and similarity. Rainer and Spinoza*. (s.e)
- BUTLER, Judith. *Ces corps qui comptent: de la matérialité et des limites discursives du sexe*. Paris: Éditions Amsterdam, 2009.
- _____. *The psychic life of power: theories in subjection*. California: Stanford University Press, 1997.
- CAVELL, Stanley. *Wittgenstein et le paradigme de l'art*. in: **Rue Descartes, n.39.2003/1 p.102-108**
- COSTA LIMA, Luiz. *Mímesis: Desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2000.
- CUNNINGHAM, Merce. *The dancer and the dance*. New York: Marion Boyars Publishers, 1999.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2003. (2008?)
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia, vol 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.4*. São Paulo, 1997.
- _____. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2007.

DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Gallimard, 1967.

_____. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Khôra*. Campinas: Papyrus, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2005

_____. *Le danseur des solitudes*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2006.

_____. *L'image ouverte*. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

FEBVRE, Michèle. *Danse contemporaine et théâtralité*. Paris: Éditions Chiron, 1995.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Librairie Générale Française, 1983.

FOSTER, Susan Leigh. *Coreographing Empathy. Kinesthesia in performance*. London: Routledge, 2011

FOUCAULT, Michel. La “gubernamentalidad” IN RODRÍGUEZ, Fermín e GIORGI, Gabriel (org.). *Ensayos sobre biopolítica. Excessos de vida*. Buenos Aires: Paidós, 2007

_____. *História da sexualidade. I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro:

Graal, 2006

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *As Palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIED, Michael. *La place du spectateur: esthétique et origines de la peinture moderne*. Paris: Gallimard, 1990. (data certa?)

FRIMAT, François. *Qu'est-ce que la danse contemporaine?*. Paris: PUF, 2010.

GAUTIER, Théophile. *The romantic ballet as seen by Théophile Gautier*. North Stratford, 1932

GIL, José. *A imagem-nua e as pequenas percepções – estética e metafenomenologia*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996

_____. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

_____. *Movimento total*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GINOT, Isabelle, MICHEL, Marcelle. *La danse au Xxeme siècle*. Paris: Larousse, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 2000.

KINTZLER, Catherine. *La danse: art du corps engagé*. in BEAUQUEL, Julie, POUIVET, Roger. *Philosophie de la danse*. Rennes: Pur, 2010.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

LAMBERT-Beatty, Carrie. *Being watched: Yvonne Rainer and the 1960s*. Massachusetts: MIT Press, 2008.

LAPOUJADE, David. *O corpo que não aguenta mais*. in: LINS, Daniel e GADELHA, Sílvio (orgs.) *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo?* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LEBRUN, Gérard. *O conceito de paixão*. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

LEPECKI, André. *Exhausting Dance: performance and the politics of movement*. New York: Routledge, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOUPPE, Laurence. *Poétique de la danse contemporaine*. Bruxelas: Contredanse, 2004.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra. Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MONNIER, Mathilde e NANCY, Jean-Luc. *Allitérations: conversations sur la danse*. Paris: Galilée, 2005.

NANCY, Jean Luc . *Le sens du monde*. Paris: Galilée, 1993

_____. *Corpus*. Paris: Editions Métailié, 2000.

_____. *L'oubli de la philosophie*. Paris: Galilée, 1986.

_____. *Une pensée finie*. Paris: Galilée, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *O Nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PHELAN, Peggy. *Unmarked: the politics of performance*. London: Routledge, 1996. (conferir a data)

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. *A República*. São Paulo: Perspectiva, 2010. Guinsburg, J. (org)

POUILLAUDE, Frédéric. *Le désœuvrement chorégraphique: etude sur la notion d'oeuvre en danse*. Paris: VRIN, 2009.

PROUST, Marcel. *À la recherché du temps perdu. I. Du côté de chez Swann*. Paris: Gallimard, 1988. (conferir a data, 1987?)

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *A revolução estética e seus resultados*. in: revolucoes.org.br, 2011 Tradução de Flávia Ragazzo do artigo *The aesthetic Revolution and its outcomes*. in: **New Left Review, NLR 14, Março-Abril 2002, pp.133-15** disponível no site: newleftreview.org.

_____. *Le spectateur émancipé*. Paris: La fabrique, 2008.

RAINER, Yvonne. *A Woman Who....*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1999.

_____. *Work:1963-1974*. Halifax: The press of the Nova Scotia College of arts and design

_____. *Feelings are facts: a life*. Massachusetts: MIT Press, 2006.

_____. Entrevista à Veronique Fabbri. In: Rue Descartes, 44. Paris:PUF, 2004.

ROSS, Kristin. *Mai 68 et ses vies ultérieures*. Marseille: Agone, 2010.

ROTH, Moira. *Difference/indifference: musings on postmodernism, Marcel Duchamps and John Cage*. Amsterdam: G+B Arts International imprint, 1998.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *Critique du théâtre. De l'utopie au désenchantement*. Belval: Circé, 2000. (2009?)

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

WOOD, Catherine. *The mind is a muscle*. London: Afterall Books, 2007.

ANEXOS

Anexos: Rastros de uma espectadora

1- Basquete em Londrina, outubro de 2009 no Rio.

Amor pela coisa alheia
 Plantação de milho em Ollantaytambo
 Minha vida não passa por aí

Um esconderijo
 Intensidades baixas
 Primavera no centro dos Estados Unidos
 Um corpo que quase não é..
 Braço amorfo da Yvonne Rainer, pra fugir dos homens.
 Poderia em outro gesto, se oferecer em sacrifício.

Os americanos prefeririam, sempre, NÃO, porque conhecem o desespero da abundância
 escorrendo como o óleo no papel melado que envolve as enormes tigelas de frango frito do Kentucky.

Silêncio!
 Uma alma quer sair
 Quem?

Não vai ser dessa vez, nem nessa vida.
 Gases, vapores, e todo o invisível têm a humilhante tarefa de se condensar em ti.
 Bunda, peito, boca, coração que te fixam nessa linha subalterna.
 Coreografia de chacrete, maiô enfiado no rabo e purpurina.
 Tesão que rodopia, e você no meio
 Sem o amparo das teses feministas,
 Axilas felpudas, costelas saídas

É o tesão e não a angústia, o mais difícil de controlar.
 Eslavas, sábias palavras
 Em uma tarde quente de verão no Rio

Paris, 16/08/2010

Algumas coisas que precisam ser ditas: A austeridade me assusta, assim como a sobriedade, a restrição e a falta. No entanto, não sou capaz de viver fora do regime dessas forças – glorificar o excesso, o transbordamento, transformar a minha vida em um monumento barroco. Nesse sentido, a minha pesquisa parte do princípio que é preciso investigar essas oposições: austeridade x despesa (?), sobriedade x espetacularidade (?), restrição x abundância, falta x excesso.

Trata-se de atualização do antagonismo de Nietzsche em O nascimento da tragédia entre apolíneo e dionísio? Acho que não posso deixar de ler esse livro seriamente.

Alguma coisa aconteceu, historicamente, no período de minha adolescência. Um movimento de redução, o gesto de tornar sóbrio (como nomear esse verbo?). das cores mal combinadas dos anos 80, um retorno ao preto, ao cinza, ao branco, ao bege, ao azul marinho (d’abord, minhas cores preferidas). Das grandes utopias, à máxima de que é preciso agir local para pensar global. Das grandes fitas de vídeo cassete, às pen-drives...

Essa é a minha lente do mundo? Ou há outras pessoas que compartilham do meu universo que também sentem assim? A que se referem as festas nostálgicas dos anos 80? O que se perdeu?

Estaremos de volta ao capitalismo dos homens de cartola do início de século XX? Acho que tampouco posso deixar de reler O declínio do homem público do Richard Sennet.

Isso é o que há por trás da minha pesquisa.

Pensar na crítica a espetacularidade presente na performance dos anos 90/2000, como lugar de reflexão sobre essa redução.

Coisas, que eu, entretanto, preciso saber: o que está sendo feito globalmente na dança dos anos 60 pra cá?

Não sai de mim a intenção de fazer o retrato de minha época. De capturá-la, de sentir o sopro que une em um só

batimento do relógio todas as pessoas agora vivas. Retrato, que é em certa medida desejo de fazer comunidade, de criar um vínculo em comum entre os seres estranhos que habitam o mesmo planeta.

Agora na biblioteca, seis homens sentados a meu lado, cada um com um computador a sua frente. O que lêem? Sobre o que escrevem?

Paris, 18/09/2010

Encenar a negatividade. Quais os materiais necessários? Que luz, que cenário, que corpo?

Pensei que pensar em negatividade implicava em um vazio de desejo. Um fluido cinzento que escorre pelas veias sanguíneas, homogeneiza a experiência, descola do mundo, da história. Nada ancora, não há outro. Uma solidão, uma morte, um fora do tempo.

Não encontro esse nada. Pelo contrário. Aqui em Paris, em um pequeno studio onde moram ratos, a atmosfera é de estilhaçamento. Expulsão de ciganos, exclusão dos árabes, um país em busca de uma identidade que já sabe de antemão perdida. Dessa multiplicidade brota uma ausência. Ausência de sentido, de comunidade, de futuro, de fé, de crença no próprio objetivo da pesquisa.

Os objetos se emudecem, permanecem estáticos, sem cor, sem vida, nas fotografias dos livros.

Impossibilidade de sentir, de olhar e pensar fora do ponto de vista ocidental.

Que dança é essa que estudo? Quem são esses jovens? De onde vem? Que música escutam? Como trabalham seus corpos? Quais os materiais necessários?

A necessidade de pensar ancorada na materialidade. No peso, na textura, na cor. Há sempre um corpo que dança,

ou que para. Uma catatonia, um movimento, não existem sem relação com a espacialidade.

Romper com Badiou em seu texto, a dança como metáfora do pensamento. Repensar a idéia de leveza, de fluxo e de movimento.

MEU DESEJO DE ESTUDAR DANÇA
SERIA UM RETORNO À HISTÓRIA?
EM TEMPO O TEMPO PRESENTE
ISSO SE APROXIMA DE UM DESEJO
DA DANÇA DE REINSCENIR O U
REVELAR DE QUE FORMA A HIS-
TÓRIA SE INSCREVE SOBRE O COR-
PO ?

O QUE É O CONTEMPORÂNEO?
(R/ Fêdéric Poivillade)

IMPOSSIBILIDADE DE CONTER UMA

FIGURAÇÃO EPOCAL.

APRESENTAÇÃO DE UMA FIGURAÇÃO

DO NOSSO TEMPO.

MORTE DA ANTE, PO'S - MODERNIDADE

FIM DA HISTÓRIA, ETC.

RENDA DO TEMPO | INTERFERE NA

ANTE Q' É A SUA INS TÊNCIA TRADICIO-

NAL DA FIGURAÇÃO.

CA A arte teria cedido em um estado
grosso, liberado de toda a responsabilidade

QUAL O MEU OBJETIVO?

A H H H H H

- 1 Yvonne Rainer
- 2 Mulheres coreógrafas
- 3 Garôme Bell, Vera Slawter
Michelle Forre, Gustavo
Gênaco
- 4 Um Programa de jovens
coreógrafos

D INTERESSANTE DEFINIÇÃO DE
CONTEMPORANEIDADE

PRESENTE O TEMPO, P. 8-9

Espectacularidade - teatralidade
preceusa.

↳ SUBJETIVIDADE

Mostração: O sujeito fora
+ de si

AUSCULTAÇÃO COMUNITÁRIA

HISTÓRIA X

A pluralidade do narrar, da

Dança como TO:

minimalismo, comunitarismo

Dança 80':

Teatralidade - o peristita

Dança 90/2000

anti-espetacularidade:

performance.

ESCALAMENTO

NUBES

Por di'imagem. Por de mots.

Que de'larmaa. Uma pressão
contante no peito direito.

Uma falta de sentido ~~base~~
que impede inclusive que

a dor seja mais forte.

Uma semi-dor. Uma quase

história. Uma meia-herança.

Um ~~estranhamento~~. Um fora de

casa. Uma solidão incompleta.

Uma distância: um a meio do

oceano. Uma espera. Um amor

que se apaga, qui s'extinguisse.

Uma língua morda:

TRISHA BROWN

maiormente puro
mesmo
terran seu corpo incorporad

Qual a subjetividade nela em dance?

Quem do está aqui, na França, e
duas mãos levadas usam óculos
em uma dança dançada, e outras coisas
fazem sentido.

O neutro não é sem origem
não é sem cara.
Não é sem peso.

SINGULARIDADE - indivíduo:

algo que o pro blema está no prefixo
PRE - é **pré** individual. Alguma
coisa que emerge do processo
de subjetivação, mas o disfora.
Nesse ponto é ao mesmo tempo
FLUXO e CORTE.

① A Franca

② Não há ninguém fisca

sendo a Franca - a cabeça de-
capitulos e experimento se puderem
e se entenderem nos cursos de
cada um.

Um desejo de ser com de
Jogos. O que é por se tornar
comparado a outros dos seus
deixar de manusear no universo
da moda da casa legging e
do Skinny jeans que aparecem
em todos o look mais
e sua arte como nos outros
a pintura de:

③ Sarkozy e a expulsão dos
Roms

④ Franca - susbomagem, Nidny

avalia o espetáculo surreal
na fantasia coreográfica que os
para se aproximar. No entanto,
um dos adereços que adota-
tem o uso de os telas

Y'a une légende que s'est fait des jours -
[para os seus inimigos que aterrorizam]

mission. Emroudeur de la France
That's the way I like it
Tort Weill - On mou
of Alabama

me sinto um empregada porque
El longer edulo e levele dual me a ser
quia de séculos, me a ser sempre
muito bem!